



## VIOLÊNCIA

Crime foi em Barreiras (BA), para onde o jovem de 14 anos se mudou com o pai, que é policial. Investigações ainda não concluíram se pretendia assassinar outros alunos ou se a ação era contra uma única pessoa. Ele usou um revólver calibre 38 e levava duas facas

# Adolescente invade escola e mata cadeirante

» TAINÁ ANDRADE

Diêgo Oliveira Duarte/Arquivo Pessoal

Um jovem de 14 anos matou, ontem, a estudante e cadeirante Geane da Silva Brito, de 19 anos, numa escola em Barreiras (BA). O adolescente, cujo nome não foi divulgado, entrou na Escola Municipal Eurides Sant'Anna e efetuou disparos contra os alunos, que saíram correndo e tentaram se proteger na quadra. De acordo com uma testemunha, ele acertou Geane algumas vezes e, depois que as balas acabaram, a esfaqueou.

“O menino entrou na escola vestido de preto, deu um tiro na porta, lá dentro deu outro tiro. Os meninos correram para a quadra, mas o instrutor mandou sair e ir para o fundo da escola. Aí todo mundo conseguiu sair do colégio”, explicou um dos jovens que testemunhou o ataque.

Além da arma que usou para cometer o crime — um revólver calibre 38 —, o jovem levava ainda duas facas e estava de óculos escuros. Ele, porém, foi parado por alguém que atirou nele e o feriu gravemente. De acordo com a prefeitura do município, o autor do disparo ainda não foi identificado.

“A Secretaria de Educação com todo seu corpo técnico e a Polícia Militar acompanham o caso, promovendo todo apoio e assistência aos estudantes e seus familiares com toda a responsabilidade que a situação requer, diante de tão inesperada tragédia”, disseram.

O material encontrado com o adolescente foi apreendido e apresentado na 11ª Coordenadoria Regional do Interior (Cooipin). Um porta-voz da Polícia Militar da Bahia disse, em entrevista, que ainda não há como afirmar se a vítima era o alvo do atirador.

“Para identificá-lo, é necessário saber primeiro qual será o resultado da cirurgia. Assim, será possível efetuar todos os procedimentos legais”,



Investigações sobre a invasão da escola em Barreiras ainda não determinaram se o assassino tinha intenção de matar mais de uma pessoa



**O menino entrou na escola vestido de preto, deu um tiro na porta, lá dentro deu outro tiro. Os meninos correram para a quadra, mas o instrutor mandou sair e ir para o fundo da escola. Aí todo mundo conseguiu sair”**

Relato de uma testemunha do crime

relatou. Após ser atingido, o atirador foi socorrido pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e passou por uma cirurgia no Hospital Geral

do Oeste, segundo informações da Rádio Oeste Barreiras. O estado de saúde do rapaz não foi informado até o fechamento desta edição.

### Suspeitas

A polícia trabalha para traçar a personalidade do atirador. Em um perfil extremista, foram encontrados alguns indícios de que o jovem já premeditava o atentado. Ele se considerava “um ser iluminado” e anunciava que sua ira seria externada em “um ato sanguinolento”. O atirador é filho de um policial, que, segundo as investigações, teria se mudado recentemente de Brasília — onde Geane fazia tratamento na Rede Sarah.

Provas que estão sendo analisadas pela polícia mostram que o rapaz apresenta traços de radicalismo e preconceito. Em um manifesto publicado três dias

antes do crime, o suspeito se diz “superior” às outras pessoas, informa que “não aceitava estar no mesmo lugar” de outras do seu convívio e que “merecia mais”.

Em um perfil no Twitter, que está em análise pela polícia, o atirador fala sobre o ódio à escola e sobre o desprezo de ter se mudado para o Nordeste. “A cada dia que vou à escola, sinto-me subjugado, se misturar (sic) com eles é nojento, é estupidamente grotesco, sinto ânsia de vômito quando um deles me tocam (sic). Sou puro em essência, mereço mais que isso, sou santo (sic)”, escreveu. O adolescente prometeu, ainda, fazer as pessoas “clamarem pela minha misericórdia, sentirão a ira divina”.

## Tiros param parte do Rio

Uma operação conjunta das polícias Civil e Militar do Rio resultou em pelo menos cinco mortos, três feridos e 26 presos em duas das 17 comunidades do Complexo da Maré, na zona norte do Rio. A ação aconteceu no fim da madrugada e durante a manhã e tarde de ontem e levou o pânico a motoristas e passageiros dos ônibus que passavam por três das principais artérias viárias da cidade — as linhas Vermelha e Amarela e a Avenida Brasil.

Segundo a PM, todos os mortos e feridos são suspeitos de envolvimento com crimes. Durante a ofensiva policial, supostos integrantes de uma facção criminosa abriram uma live em uma rede social para exibir um possível refém e cobrar negociação com os policiais. A transmissão foi interrompida, e as autoridades não se manifestaram sobre ela.

A ação policial ocorreu nas vilas do João e dos Pinheiros, dominadas pela facção criminosa Terceiro Comando Puro (TCP). Por causa dos tiroteios, 36 escolas — entre elas o principal câmpus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Ilha do Fundão — e quatro postos de saúde não funcionaram. A Avenida Brasil e as linhas Vermelha e Amarela foram interditadas várias vezes, de manhã e à tarde.

As interrupções foram provocadas por criminosos ou pela polícia, em trechos perto do conjunto de favelas. O Complexo da Maré é delimitado pela Avenida Brasil e pela Linha Vermelha. As vias, nesse trecho, são paralelas e a Amarela liga as duas.

Quinze pessoas foram levadas ao Hospital Federal de Bonsucesso, que fica próximo à Avenida Brasil, por causa da operação. Sete homens chegaram mortos, seis moradores estão internados e duas tiveram alta médica. Foram apreendidos sete fuzis, oito pistolas, uma réplica de arma de pressão de ar comprimido, uma granada, aproximadamente uma tonelada de maconha, 50 pés de maconha, 48 frascos de lança-perfume e 20 carros e motocicletas que haviam sido roubados ou furtados.

Durante o confronto, a sede do Projeto Uerê, projeto social que funciona há mais de 20 anos na Maré, foi atingida por disparos, segundo a fundadora, Yvonne Bezerra de Melo. Ninguém se feriu, mas houve susto e pânico. Em função de experiências anteriores, o prédio da instituição tem, nas paredes e no teto, placas que avisam e pedem: “Escola. Não Atire”.

Segundo o governo do Rio de Janeiro, os setores de inteligência das polícias receberam a informação de que uma facção criminosa invadiria uma favela dominada por um grupo criminoso rival. Foram mobilizados 120 policiais do Batalhão de Ações com Cães (BAC) e do Batalhão de Operações Especiais (Bope), da PM, e da Coordenadoria de Operações e Recursos Especiais (Core), o grupo de elite da Polícia Civil. Com o apoio de helicópteros e veículos blindados (conhecidos como “caveirões”), o efetivo foi às favelas, onde o confronto ocorreu.

# Caso Genivaldo: agentes são indiciados

» JOÃO GABRIEL FREITAS\*

Reprodução/Vídeo/Rede Sociais



Agentes jogaram Genivaldo no carro da PRF e o impediram de respirar

A Polícia Federal (PF) indiciou os três policiais rodoviários federais acusados da morte de Genivaldo de Jesus Santos, em maio, por abuso de autoridade e homicídio qualificado (asfixia e sem meios de defesa). O crime aconteceu no quilômetro 180 da BR-101, no município de Umbaúba (SE) quando o homem, que tinha problemas psiquiátricos, foi abordado pelos agentes por pilotar uma motocicleta sem capacete.

Os agentes indiciados são Kleber Nascimento Freitas, Paulo Rodolpho Lima Nascimento e William de Barros Noia. Os três foram afastados das funções pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), que recriminou a abordagem que fizeram a Genivaldo. O relatório foi encaminhado ao Ministério Público Federal, que é responsável por apresentar a denúncia à Justiça.

A violência do episódio, no qual ficou clara a crueldade

dos policiais rodoviários, provocou até mesmo uma cobrança de apuração pela Organização das Nações Unidas (ONU). Peritos do Instituto de Criminalística de Sergipe concluíram, no início deste mês, que

a causa da morte de Genivaldo foi asfixia mecânica provocada por um componente químico encontrado na corrente sanguínea. Os peritos, porém, não conseguiram determinar se a substância foi inalada durante

a sessão de sufocamento a que o homem foi submetido.

Em 25 de maio deste ano, Genivaldo pilotava uma moto quando recebeu a abordagem de uma viatura da PRF por não usar capacete. Em seguida, os agentes pediram para que ele levantasse a camisa — foi quando afirmou que estava com remédios psiquiátricos no bolso e tinha a receita médica para provar que fazia uso deles.

Genivaldo estava acompanhado do sobrinho, Wallison de Jesus, que disse em depoimento que o tio obedeceu imediatamente a ordem dos agentes. Segundo testemunhas, o homem teria ficado nervoso com a atitude dos policiais rodoviários, que resolveram detê-lo. Um vídeo registrou o momento em que Genivaldo, no chão, é imobilizado e algemado pelo trio de policiais.

Na sequência, ele é levado para a parte de trás do carro da PRF. Como continuava agitado e tentando sair, os agentes lançaram uma bomba de gás lacrimogêneo

dentro do veículo, baixaram a porta e a forçaram para que Genivaldo não conseguisse se desvencilhar. Com dificuldades para respirar, continuou balançando as pernas tentando sair até o momento em que deixou de sacudir-las. Já ali estava desacordado.

Genivaldo foi levado para o Hospital José Nailson Moura, no município, onde morreu por volta das 13h por asfixia. No boletim de ocorrência, os agentes da PRF justificaram que o homem teve um “mal súbito”.

Nota do Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta a incapacidade técnica das forças de segurança pública. “A morte de Genivaldo Jesus Santos chocou a sociedade brasileira pelo nível de sua brutalidade, expondo o despreparo da instituição em garantir que seus agentes obedeçam a procedimentos básicos de abordagem que orientam os trabalhos das forças de segurança no Brasil”, observa.

\*Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi